

Fazenda Santa Maria do Monjolinho, em S. Carlos

Um exemplo de preservação



Caros leitores,

Estive, em 2011, na Fazenda Santa Maria do Monjolinho, na zona rural de São Carlos, SP, Rodovia Luís Augusto de Oliveira (SP-215), Saída 157. Na oportunidade, fui acompanhado de meu filho João Vítor e meus colegas do Curso de Licenciatura em História da Faculdade Barretos. Pisei com muita emoção naquele solo, nos lugares em que os escravizados eram açoitados e, posteriormente os imigrantes italianos, que vieram 'fazer a América' viveram. Sou descendente de italianos e sinto muito orgulho. A história está presente em cada palmo daquela fazenda. Tirei várias fotos, inclusive no mesmo muro de pedra, que os colonos italianos, em 1905, fizeram pose para o 'retrato'. Infelizmente por problemas no computador acabei por perdê-las.

A fazenda é propriedade particular e possui um passado histórico incrível. Por esse motivo é tombada pelo CONDEPHAAT, como Patrimônio Histórico, Cultural e Educacional. É de conservação invejável. Situa-se às margens do rio Monjolinho, recebendo o ano todo visitas de turistas e especialmente de escolas e oferece diferentes tipos de roteiros.

A fazenda teve sua origem em 1850, quando a família de seu proprietário major José Inácio de Camargo, desenvolveu suas atividades econômicas, dentre elas, a produção de café, riqueza de São Paulo, utilizando-se da mão de obra escrava. No local havia apenas a casa do capitão-do-mato, que controlava toda a produção e os escravos, e as senzalas, compartimentos sem janelas, que abrigavam os escravizados.

Com a riqueza nas mãos, o major José Inácio e Theodoro Leite Camargo, almejavam o título honorífico de Barão do Pinhal, um prestígio social. Em 1887, iniciaram a construção de um palacete de estilo neoclássico, com materiais trazidos da Europa, com arquitetura europeia, em dois andares, contendo 34 cômodos, 10 quartos e 98 entre janelas e portas, para receber a visita de D. Pedro II, que na época estaria em São Carlos para inaugurar a Estação ferroviária. Porém D. Pedro II, não foi à fazenda e não concedeu as honrarias aos proprietários. Depois dessa decepção e com dívidas pela construção do palacete, juntando-se a conflitos familiares forçaram os proprietários a vender o imóvel.

Então, a fazenda foi adquirida pelo sr. Cândido Malta de Souza Campos, a qual permanece até hoje com sua família. Após 1888, com a abolição da escravatura, as senzalas foram adaptadas para receber os imigrantes italianos, o tronco com as correntes, onde eram açoitados os negros, permanece até hoje. E de se arrepiar, só de imaginar nossos irmãos negros padecendo naquele local. No entanto, esse passado deve ser exposto para o conhecimento e reflexão sejam feitas.

Como já disse, o palacete possui dois andares. No térreo localiza-se um rico museu, aberto às visitas monitoradas, retratando a época, com móveis e utensílios, artes, livros, jornais, revistas, cartas, fotografias, discos de cera, gramofone, cadeira namoradeira, quarto de casal completo, na época, usava-se penico e também as escarradeiras, havia água encanada, nem esgoto. Todos bem conservados, usados há mais de um século. O segundo piso é destinado à moradia do proprietário do imóvel. É uma verdadeira volta no tempo.

Tudo preservado. Dá prazer em ver!

Próximo ao palacete encontra-se a casa do administrador e ao fundo as casas, bem mais simples, das mucamas e amas de leite, bem próximas à casa principal.

Ao lado do terreiro de café se destaca um aqueduto, que conduzia água para movimentar a roda d'água e gerar energia para a máquina de beneficiar café. Com isso, os visitantes têm a ideia de como o café era beneficiado na época e entender parte desse processo.

Além disso, os visitantes podem percorrer as trilhas, no programa do ecoturismo, que tem o objetivo de preservar o córrego Santa Cruz, nascente da fazenda, onde eles têm contato com vários recursos naturais ali presentes. As trilhas podem ser percorridas por crianças e adultos, sempre com monitoramento, possibilitando a conscientização sobre a preservação da natureza e a formação de uma educação ambiental.

Existe na fazenda uma grande parte de Mata Atlântica, cerrado e matas de recuperação, além de cinco hectares com eucaliptos australianos plantados em 1904, considerados um dos mais antigos do país.

A Estação ferroviária que era utilizada para todos os transportes na época, atualmente, está restaurada, funcionando no local um restaurante rural, com comidas típicas. Por sinal uma delícia!

Segundo informações retiradas da página da Fazenda Santa Maria do Monjolinho, na Internet, no processo de tombamento ocorrido em 2016, consta que "a fazenda traduz em seu espaço o contexto histórico daquele momento de transição do Império para a República, demonstrando uma modernidade seja no partido eclético adotado, seja na técnica construtiva, seja com o programa de necessidades, concebendo salas de lazer e banheiros internos. Se configura em dos exemplares mais significativos que a região produziu em termos de habitação rural deste período do final do século XIX."



Foto de 1905, em frente à sede da Fazenda Sta. Maria do Monjolinho, em São Carlos, onde vê-se os colonos italianos.



Foto de 2022 - com a preservação.

José Antonio Merenda
Professor, historiador e membro da
ABC – Academia Barretense de Cultura - Cadeira nº 29